



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**POR UM MODELO DE INVESTIGAÇÃO DE “IDENTIDADES” EM TORNO DO
SIGNIFICADO DE ARTEFATOS**

William Guedes Lins Júnior

william_jr@hotmail.com

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Brasil

Kátia Medeiros de Araújo

katia_araujo@hotmail.com

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Neste artigo, descrevemos e discutimos sobre proposta de constructo caracterizada por uma articulação de fundamentos da experiência e sobretudo socioantropológicos da memória, do significado e da identidade (constructo EMSI). Originalmente, utilizamos essa representação da realidade como instrumento de sistematização e análise em pesquisa dissertativa do design, na condição de ciência social aplicada em processo de formação. Nessa ocasião, a citada pesquisa generalizou sobre o processo identitário de comunidade *on-line* que reúne agentes de movimento urbano relacionado a uso e significação da bicicleta na cidade do Recife, Brasil. Considerando que um constructo pode ser o primeiro passo para modelo científico, continuada confrontação empírica e revisão teórica oportunizam processos de seu aprimoramento, retificação, validação ou revogação. Por fim, numa perspectiva mais ampla, esperamos colaborar para o desenvolvimento metodológico do design e das ciências sociais, tendo em vista pontos de diálogo ou transversalidade entre esses dois campos do conhecimento e da prática.

Palavras-chave

Identidade, bicicleta, constructo



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

In this article, we describe and discuss the proposal of a construct characterized by the articulation of experience and, above all, socio-anthropological foundations of memory, significance (meaning) and identity (EMSI construct). Originally, we use this form of reality representation as an instrument of systematization and analysis in design master's research, as social science in the process of formation. On that occasion, the aforementioned study generalized the identity process of the on-line community that brings together agents of urban movement related to the use and significance of the bicycle in the city of Recife, Brazil. Considering that a construct can be a first step towards a scientific model, its continuous empirical confrontation and its theoretical revision allow processes of its improvement, rectification, validation, or revocation. Finally, in a broader perspective, we hope to collaborate to the design and the social sciences methodological development, in view of dialogue or transversality issues between these two fields of knowledge and practice.

Keywords

Identity, bicycle, construct



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. INTRODUÇÃO

Neste texto, discutimos constructo e seus fundamentos teóricos. Também sintetizamos a maneira como se utilizou esse conjunto no estudo de caso da comunidade *on-line* Bicicletada Recife (COBR)¹. Em tal estudo, analisamos e interpretamos (Minayo, Deslandes, & Gomes, 2012) a *identidade coletiva reivindicada* da comunidade, considerando a bicicleta como catalisadora do processo reivindicatório. Para tanto, providenciamos um levantamento netnográfico puro, não participativo e com tratamento indutivo dos dados (Lins, 2015).

O constructo gráfico-teórico experiência-memória-significado-identidade (EMSI) integra os processos mencionados no título (Figura 1), na forma de sistema (como conjunto de partes indissociáveis de uma realidade). Trata-se de um dos resultados da dissertação² *Memória, identidade e artefatos: significação da bicicleta para o grupo online Bicicletada Recife*³, por meio do Programa de Pós-graduação em Design (PPGD) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil (Lins, 2015). Neste artigo, atualizamos sua representação com a supressão da palavra “direta” que sucedia “experiência” (Figura 1).

Para tratarmos da “identidade” COBR, tendo em vista a citada perspectiva sistêmica, partimos de uma análise incluindo os outros processos descritos no constructo, todos chamados de “variáveis” (Lins, 2015).

¹ Optamos pelo uso do termo “comunidade” (Kozinets, 2014), no lugar de “grupo”, embora este último termo seja o mais corrente entre usuários de redes sociais *on-line*.

² Autor: William G. Lins Jr. Orientadora: professora doutora Kátia Medeiros de Araújo.

³ “Artefato é um objeto feito pela incidência da ação humana sobre a matéria-prima: em outras palavras, por meio da fabricação” (Cardoso, 2012, p. 47). É tudo aquilo que não é natural. Tem relação com o termo “artificial” (Cardoso, 2012).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Figura 1 – Constructo gráfico EMSI revisado.



Fonte: o autor (Lins).

A abordagem EMSI não introduz uma nova teoria. Nesta revisão, destacamos que a originalidade de nossa discussão está, se não integralmente, mais restrita à forma gráfico-esquemática da ilustração EMSI (Figura 1) e à maneira como adaptamos e criamos algumas definições, considerando interesses do design e fundamentos teóricos oriundos tanto dele como das ciências sociais. Por meio desse esforço, propomos uma transição entre os níveis abstrato e empírico da operacionalização do constructo EMSI. O primeiro nível remete à articulação teórica que fundamenta o constructo, enquanto o segundo consiste na tentativa de transposição dessa articulação para uma estância prática ou aplicada (Lins, 2015).

Como fundamento que sintetiza a abordagem EMSI, cuja dinâmica das partes é ilustrada por setas (Figura 1), citamos o historiador e pesquisador do design Rafael Cardoso (2012) quando se referiu à significação que damos aos artefatos. “A capacidade de *lembrar* [ênfase acrescentada] o que já se viveu ou aprendeu e relacionar isso com a situação presente é o mais importante mecanismo de constituição e preservação da *identidade* de cada um” (p. 73), disse ele. Ademais, além de sermos principalmente resultado do que lembramos, lembrar também é um produto do que somos, constituindo um processo de retroalimentação entre memória e “identidade” (Candau, 2014; Cardoso, 2012).

O design, como produção de conhecimento, tem se interessado pelas relações e processos entre as pessoas e seus artefatos. Tem recorrido, entre outros, aos estudos



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

sociais. Sobre comunidades como a dos Shakers, Bernd Löbach (2001) constatou que, para satisfazer necessidades ligadas a suas formas de vida, essa comunidade criou artefatos que exerceram posteriormente influência sobre ela mesma, modificando sua forma de vida. Trabalhos como o de Hugo Vandr  Cavalcanti da Silva (2016) explicou a morfologia e linguagem visual dos estandartes (tipo de bandeira) dos clubes pedestres do carnaval brasileiro do estado de Pernambuco, considerando aspectos históricos e socioantropológicos envolvidos. Investiga es com abordagens semelhantes são adotadas como parte de metodologias de projeto em etapas de levantamento de dados sobre usuários.   considerando a rela o intrínseca design-sociedade (Braga, 2011; Wanderley, Andrade, Barros, & Lins, 2017) e seus processos que justificamos e al amos a discussão deste texto.

No desenvolvimento que segue, tratamos sobre o que são constructos e quais seus propósitos, revisamos a articula o teórica que caracteriza o constructo EMSI e as delimita es de suas *defini es operacionais*. Por fim, resumimos as principais técnicas e os procedimentos adotados na sele o e tratamento dos dados do estudo de caso da COBR, incluindo como esses dados foram interpretados com base no constructo EMSI e na teoria apresentada.

II. MARCO TEÓRICO

II. 1. Constructos como instrumentos de representa o da realidade

Os constructos são formas que antecedem (Martins & Pelissaro, 2005) os modelos, ou são menos consistentes que estes. Segundo a Wikipédia (2017), o modelo científico   representa o simplificada do que seria a realidade como um sistema complexo. Procura reproduzir, dentro de uma margem plausível, o que seria o procedimento desse sistema, com o propósito de estudá-lo e conhecê-lo.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Conforme sintetizam Martins e Pelissaro (2005), um constructo é “... uma definição operacional robusta que busca representar empiricamente um conceito dentro de um quadro teórico específico” (p. 83). Enquanto operacionalizações de abstrações teóricas de cientistas sociais, podem ser constituídos por intermédio de variáveis como *status* social, custo de vida, inteligência, risco, etc. (Martins & Pelissaro, 2005).

II. 2. Processos EMSI e as definições norteadoras do constructo EMSI

“Identidade” e “estado identitário”

Na concepção vulgar, define-se “identidade” como “conjunto de características (físicas e psicológicas) essenciais e distintivas de alguém, de um grupo social ou de alguma coisa”, tal como apresenta o Dicionário Infopédia da língua portuguesa (2018); ou “circunstância de um indivíduo ser aquele que diz ser ou aquele que outrem presume que ele seja”, conforme o Dicionário Priberam da língua portuguesa (2018); ou ainda “conjunto de características próprias de uma pessoa, um grupo etc. que possibilitam a sua identificação ou reconhecimento”, segundo o Dicionário Caldas Aulete (2018).

Como temática disciplinar, associa-se identidade a diversas acepções e contextos. Quando inscrita nas ciências sociais, a palavra é usada como parte de termos relacionados a *status* e papéis sociais, conflitos étnicos, cultura de grupo, nações, minorias culturais, religiosas e étnicas (Dortier, 2010).

O antropólogo Joël Candau (2014) esclarece que, entre pesquisadores, há certo consenso sobre a compreensão de identidade como resultado de uma construção social (p. 9), esta tratada por Denis Cuhe (1999) sob a perspectiva do *processo relacional*. Partimos da prerrogativa dos artefatos como catalisadores (promotores), mediadores, resultantes e expressão de tais processos.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Sobre processos relacionais, referimo-nos a concepções que tratam de identidade como “relação dialógica com o Outro” (Candau, 2014). Tais processos seriam impositivos, estratégicos e reivindicatórios (Cuche, 1999).

Contrapondo-se também às concepções mais essencialistas, Zygmunt Bauman (2005) tratou “identidade” como invenção dotada de fragilidade e constante provisoriedade (pp. 21-22). Esses atributos estariam mais evidentes e potencializados em decorrência da “modernidade líquida” (Bauman, 2005), isto é, da fase tardia de modernidade que caracterizaria o tempo presente com suas instabilidades, pois,

... na atualidade, somos acometidos por estados e sentimentos de incerteza, insegurança e medo, com reflexo na organização política, na configuração material urbana..., na forma como operacionalizamos as nossas instituições, como estabelecemos relações pessoais e de trabalho – estas marcadas por uma dinâmica de conexões – e uma cultura que pode ser descrita por princípios do consumismo, do imediatismo, do individualismo e da busca pela realização de prazeres. (Bauman, 2003, 2005, 2009, como citado em Lins, 2015, p. 15)

Alecir F. Carvalho (2012) destaca, a partir da síntese do pensamento de outros autores, que o interesse sobre a temática “identidade” pode se relacionar ao que seria o recente fenômeno de sua fragmentação nos níveis individual e coletivo (p. 11).

No jargão do design, entre outras possíveis formas, compreende-se identidade como política e a ação do *branding*⁴ sob a égide do “design de identidade” (Bonsiepe, 2011; Cardoso, 2012), e pode ser um conjunto de características distintivas da produção material dos povos, com o título de “identidade do design” (Bonsiepe, 2011).

Focados em propósitos do design, dos fundamentos e das definições apresentadas, adotamos como “identidade” das pessoas as suas características psicológicas, físicas,

⁴ Paulmann (2005, p. 125) informou que, “no discurso profissional do *branding*, identidade se define como ‘a soma de todas as características que tornam uma marca ou uma empresa inconfundível e singular’” (como citado em Bonsiepe, 2011, p. 55).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

socioculturais⁵ e comportamentais. Compreendemo-la como uma condição de processo ou construção (Bauman, 2014; Candau, 2014; Cardoso, 2012) contínua e relacional (Cuche, 1999). De forma mais particularizada, no estudo COBR, tratamos dela como perfil de quem usa (usuário) e ou atribui significado a artefatos.

Em termos operacionais empíricos, abordamos identidade por meio do que chamamos de “estado identitário” (Lins, 2015). Sobre tal estado, referimo-nos às características descritas como identidade, considerando a possibilidade de elas perderem rapidamente sua validade fora do recorte temporal da pesquisa. O estado identitário se caracterizou como uma maneira de nos referirmos a condições provisórias de identidade e como uma maneira de lidarmos aplicadamente com elas, que teriam sido mais evidenciadas e até potencializadas na atualidade (Bauman, 2005).

Memória, “memória coletiva” e “registros de memória”

Como processo caracterizado por lembranças e esquecimentos (Candau, 2014), a memória é estudada desde faculdade mental (Cardoso, 2012) a construção social (Candau, 2014; Halbwachs, 2006). No design, além da possibilidade desses dois ou mais enfoques, tratar de memória representa abordagens de temas de preservação ou resgate histórico de aspectos materiais, processos produtivos, simbólicos e sociais relacionados a artefatos, baseando-se, entre outras justificativas, em senso patrimonial, como ocorreu na pesquisa de Camila Brito de Vasconcelos (2014) e na de Hugo Vandrê Cavalcanti da Silva (2016).

⁵ Embora cultura e identidade tenham definições distintas para Cuche (1999), aproximamo-las em nosso trabalho dissertativo que ancora este texto. Tivemos a perspectiva de que podemos julgar o perfil de usuários, ou “o que o outro é”, por meio de aspectos culturais ligados a uso, consumo e significação de artefatos.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Cardoso (2012) discutiu a memória da seguinte maneira:

Mais do que a simples ação de recuperar uma vivência, a memória é um processo de reconstituição do passado pelo confronto com o presente e pela comparação com outras experiências paralelas. Alguém pode se lembrar de uma experiência que nunca teve – a chamada ‘síndrome da falsa memória’ – ou pode misturar suas próprias vivências com as de outras pessoas e com as informações adquiridas por meios indiretos (conversas, leituras, mídias audiovisuais). A memória é mais construída do que acessada... (p. 75)

Na linha da memória como forma de construção social, Maurice Halbwachs (2006), estudioso do início do século XX, e Candau (2014), revisor ensaísta do tema à luz da realidade contemporânea, discutiram possibilidades de partilha. É como possível representação construída e partilhada pelos grupos sociais que foi chamada de “memória coletiva” por Halbwachs (2006) ou preferida com o termo “memória social” por Candau (2014). Embora Halbwachs (2006) não tivesse contestado que os indivíduos são capazes de constituir memórias exclusivamente individuais, eles preponderantemente as misturariam e as transformariam mediante o contato com as de outros indivíduos com os quais têm vínculos afetivos, simpatizam ou formam grupo, como se fossem suas próprias memórias individuais. Tal processo de construção social, com impacto sobre o fenômeno da lembrança, não foi refutado, mas teve seu grau de pertinência questionado por Candau (2014) em decorrência do que ele chamou de “colapso das grandes memórias organizadoras”, que

... são aquelas desenvolvidas no interior de um grupo social a partir de fortes processos de assimilação de “estruturas”. Essas estruturas são formas abstratas tomadas por esse grupo como suporte de memorização, tais como: a musicalidade de uma língua que é identificada por um recém-nascido como meio para a sua aprendizagem, as formas que diversas narrativas são apresentadas (doutrinas, contos, relatos, etc.) e que proporcionam duravelmente uma manutenção de representações, crenças e opiniões compartilhadas através de um sentimento de unanimidade. São instituições como Estados, igrejas, escolas, famílias que, através de difusão de suas práticas, ajudam a manter “grandes memórias organizadoras”, porém, essas mesmas seriam acometidas, hoje, por conjuntura sociocultural mais complexa permeada por rápidas transformações, não dispendo mais da mesma força e tempo para serem assimiladas. (Candau, 2014, pp. 181-189, como citado em Lins, 2015, p. 13)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Quando consideramos que apenas partilhamos representações de memória, e não a memória em si, conforme Leticia Matheus (2011) observou em contribuições teóricas de Candau (2014), temos tão somente essas formas de representação como objetos analisáveis na pesquisa social. Com isso, em termos aplicados, anuímos à variável *memória* operacionalizada empiricamente como “registros de memória”. Definimos tais registros como toda representação documental ou material de memórias (Lins, 2015). Sobre os registros, compreendemos equivalência com o que Candau (2014) chamou de “metamemórias”, como formas representativas (que não se trata da memória em si) e partilháveis de memória.

No estudo de caso da COBR, recorremos a *posts*/comentários publicados por seus agentes na condição de “registros de memória”. Temos *post* como tipo de postagem de conteúdo (texto, vídeo, *emotions*, etc.) oportunizado pela interface ou estrutura de rede social *on-line* que, depois de sua veiculação, permite que subordinemos a ele outros conteúdos, que chamamos genericamente de comentários aqueles da linguagem verbal escrita, provenientes do autor ou de terceiros. Não é incomum, nessa dinâmica, que os usuários participantes de um *post* veiculem comentários que já não tratam do tema que foi introduzido nele (Lins, 2015).

Inter-relação experiência e memória

Estudos da psicologia cognitiva explicam o fenômeno da experiência por meio da conjunção sensação-percepção. Nessa abordagem, as sensações são “estímulos captados do ambiente por meio dos aparelhos sensoriais que são codificados como sinais neurais” (Drews, 2015). Já a percepção, baseada no que definiram Epstein e Rogers (1999), Goodale (2000), Kosslyn e Osherson (1995), Marr (1982) e Pomerantz (2003), “... é o conjunto de processos pelos quais é possível reconhecer, organizar e entender as sensações...” (como citado em Sternberg, 2012, p. 65).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

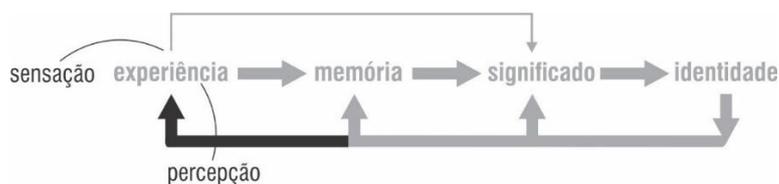
La sociología en tiempos de cambio

A percepção que se integra à sensação para completar o processo da experiência, acaba por fazer uso de mecanismos da memória, com base na reflexão sobre as definições apresentadas. Por outro lado, Cardoso (2012) destaca que a memória é uma forma de experiência, porque não corresponde ao acesso de “banco de dados”, mas a uma construção sobre eles (Cardoso, 2012).

Inspirados em termos adotados por Cardoso (2012), introduzimos no constructo EMSI a variável *experiência direta* (Lins, 2015), que atualmente preferimos chamar de *experiência* (Figura 2). Embora os fenômenos propriamente da experiência e da memória se aglutinem em parte, conforme sintetizado, dispusemos do artifício para ilustrar distintamente o que são as variáveis *experiência* e *memória*. Enquanto para a variável *experiência* enfatizamos a experiência “direta” (Cardoso, 2012) – aquela constituída na vivência imediata –, para a variável *memória* nos baseamos na “... experiência deslocada do seu ponto de partida na vivência imediata” (Cardoso, 2012, p. 74).

A situação por que a *experiência* seria permeada também pela *memória* e pelas demais variáveis interdependentes está graficamente representada no constructo EMSI por meio da seta destacada com cor mais escura na Figura 2.

Figura 2 – Constructo gráfico EMSI revisado: a *experiência* sob influência das demais variáveis.



Fonte: o autor (Lins).

Significado e “significação”

“Adotamos significado como senso representativo e valorativo que associamos a pessoas, coisas, fatos, fenômenos e relações” (Lins, 2015, p. 38). Como variável, ilustramo-lo como elo entre as variáveis *memória* e *identidade* (Figura 2).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

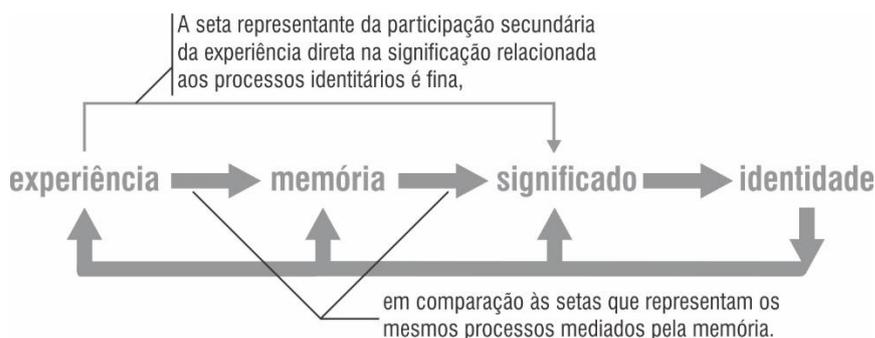
A operacionalização empírica de *significado* correspondeu à atenção sobre qualidades ou atributos que os agentes investigados na pesquisa COBR atribuíram a si mesmos e às coisas que os cercaram. Como essas atribuições estariam sujeitas a transformações, tendo em vista seu vínculo com processos identitários e de memória, recorremos a um recorte temporal de “*significação* ou *significa+ação*”, isto é, à captura de um dos muitos instantes que caracterizam a ação contínua e provisória de nossa construção de significados (Lins, 2015).

II. 3. Algumas considerações sobre a ilustração do constructo EMSI

As setas da ilustração do constructo EMSI representam “fluxos” e hierarquia entre suas variáveis. Os fluxos – sentidos que as setas indicam no constructo –, apresentam possibilidades de influência entre suas variáveis. Já o princípio de hierarquia é representado pelas espessuras que as setas possuem (Lins, 2015).

Quando consideramos que “a maioria das experiências que temos a nosso dispor não é acessada a qualquer momento pelos sentidos, mas por meio da memória” (Cardoso, 2012, p. 73), temos, na ilustração do constructo EMSI, uma seta de espessura mais fina que une diretamente *experiência* e *significado* e setas mais grossas que unem *experiência* e *significado* sob mediação da *memória* (Figura 3).

Figura 3 – Constructo gráfico EMSI: hierarquia da relação *experiência* com as demais variáveis.



Fonte: o autor (Lins).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. A COBR E A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE SEUS DADOS

III. 1. A COBR e sua relação com o movimento de rua Bicicletada Recife (BR)

Só até certo ponto a COBR e o BR se interpenetram e se complementam. Isso porque, embora se confirme como um meio *on-line* de articulação entre adeptos do movimento BR, o artefato cultural⁶ COBR também reúne, entre outras características, agentes que, em seu cotidiano urbano, não adotam práticas do uso da bicicleta tal como são praticadas pelos agentes do BR.

Quando nos referimos exclusivamente ao BR, ou Massa Crítica Recife, tratamos de grupo de indivíduos ou de uma das ações mais emblemáticas por ele desenvolvida, que consiste em reunir, nas últimas sextas-feiras de cada mês, seus participantes para se deslocarem por meio de veículos à propulsão humana, principalmente bicicletas, pelas ruas da cidade, seguindo exemplo de práticas semelhantes adotadas por centenas de representações espalhadas no Brasil e no mundo, com o nome de “bicicletadas” ou “massas críticas”.

Conforme descrito por integrantes da própria COBR, locada no Facebook (2015), e informações da Wikipédia (2017), as massas críticas têm, entre suas principais prerrogativas, a de formar fluxo indivisível, a de organizar-se de forma horizontal (sem líderes) e a de não predefinir as rotas que serão adotadas.

Foi com base em registros de memória (Lins, 2015), partilhados como possíveis resultados e promotores da construção de “memórias coletivas” entre os agentes COBR, que nos dispusemos a tratar sobre o que seria sua identidade coletiva reivindicada. Para

⁶ “A perspectiva da internet como artefato cultural observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana... [pela qual] as fronteiras entre on-line e off-line são fluidas e ambos interatuam” (Fragoso, Recuero, & Amaral, 2013, p. 42).



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tanto, consideramos haver relação entre os processos que envolvem identidade – tais como os relacionais (Cuche, 1999) – e os processos da construção social de memória (Candau, 2014) – aqueles catalisados pela empatia que os agentes da COBR expressaram pela bicicleta e que alguns deles demonstraram sentir entre si (Halbwachs, 2006). Para generalizar⁷ a provisoriedade da “identidade” COBR (Bauman, 2015), limitamo-nos a seu estado compreendido no recorte temporal de 10 de fevereiro a dois de março de 2015 (Lins, 2015).

III. 2. Ilustração do constructo EMSI aplicado ao estudo de caso COBR

No estudo de caso da COBR, a bicicleta e a cidade do Recife, em suas dimensões física e social, foram anuídas como *inputs* da variável *experiência* do constructo EMSI, isto é, como fontes das sensações e percepções dos agentes da COBR (Figura 4).

Como *input* da variável *identidade*, perguntamos: “Qual o *estado identitário* dos usuários do grupo *online* Bicicletada Recife?” (Figura 4). Assentida a interdependência da variável *identidade* para com as demais do constructo EMSI, incluímos análises baseadas nas variáveis *memória* e *significado* para responder à pergunta. A proposta foi a “estratégia da análise” (Lins, 2015).

Providenciamos, inspirados em análises de conteúdo descritas por Bardin (2011), uma classificação temática dos *posts/comentários* da amostra da pesquisa, estes vistos como registros de memória (Figura 4).

⁷ Segundo Kozinets (2014), trata-se de “... elaborar um pequeno conjunto de generalizações para cobrir ou explicar as consistências de um conjunto de dados; parte do processo de análise de dados qualitativos” (p. 177).



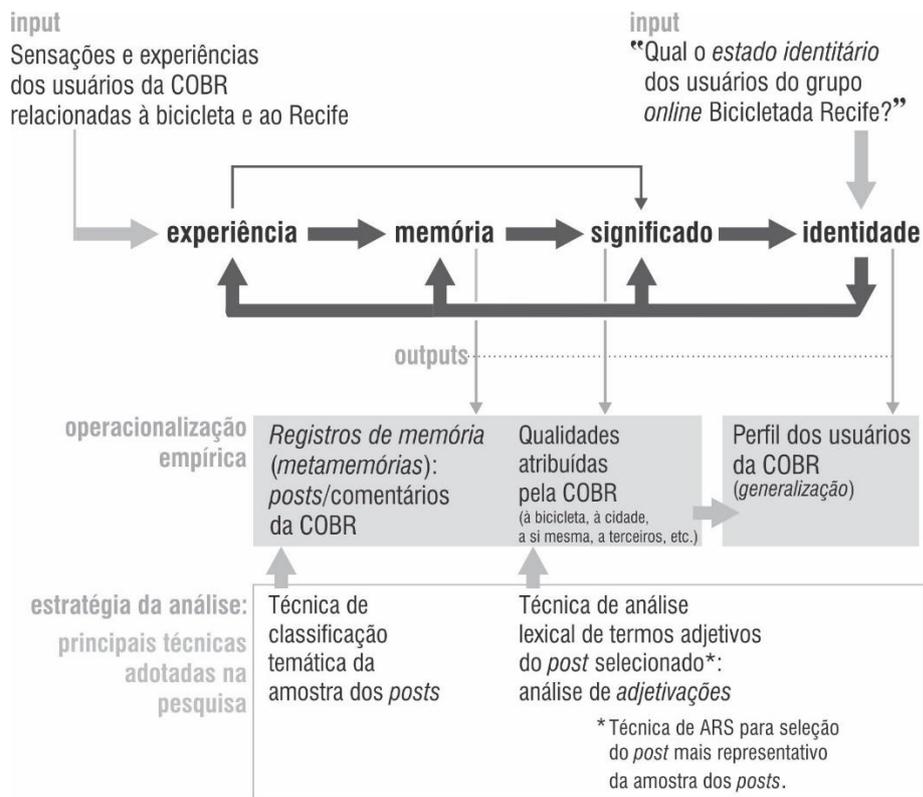
**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Figura 4 – Constructo EMSI revisado e aplicado ao estudo de caso da COBR.



Fonte: o autor (Lins).

Identificamos como resultado da classificação temática dos *posts* doze assuntos (associados a eles, havia temas e subtemas), conforme representado na Figura 5: significado da bicicleta quanto ao uso; prestação de serviço; comércio e *marketing*; gênero; posição ideológica; características das bicicletas; relação bicicleta, outros veículos e pedestres; saúde; mídia; políticas públicas e cidadania; comportamento, interações e práticas sociais; aspectos físicos e sociais do meio urbano e natural. Embora cada *post* tenha introduzido um dos assuntos classificados, muitos deles também abrigaram comentários que se filiaram a um ou mais dos demais assuntos classificados, especialmente a combinações dos três últimos listados, tratando de apropriação ou



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

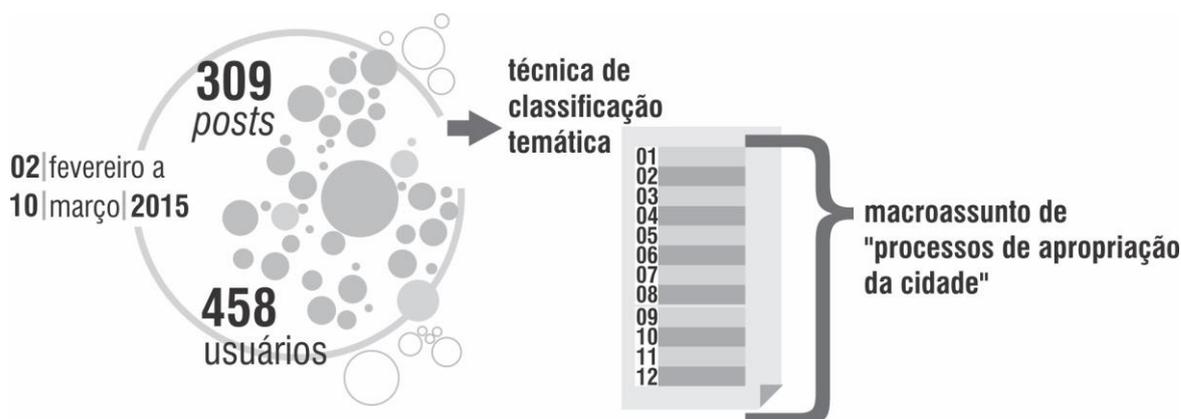
3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

usufruto da cidade. Nessa perspectiva, interpretamos que a maioria dos *posts* classificados também caracterizou um macroassunto denominado de “processos de apropriação da cidade” (PAC) (Figura 5), por conter tanto comentários político-reivindicatórios sobre a cidade como comentários que se referiram a sua fruição (Lins, 2015).

Figura 5 – Análise de *registros de memória* por meio de classificação temática.



Fonte: Lins (2015).

Ainda na perspectiva dos PAC, confirmamos que a maioria dos *posts* era político-reivindicatória, embora não fosse político-partidária. Essa categoria de *post* foi a mais “curtida” e comentada (Tabela 1). Baseados na discussão de Candau (2014), o mais “curtido” e ou comentado caracterizou a escolha da COBR sobre o que ela “deveria lembrar” em meio ao que “poderia ser esquecido”, no processo de formação do repertório de memórias que viabilizou sua reivindicação coletiva de identidade, nesse caso, *de protesto* (Lins, 2015).



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

TABELA 1 – Realce do *estado identitário* do grupo *on-line* Bicicletada Recife.

	<i>Protesto*</i> *(político-reivindicatório)	Lúdico	Outros
<i>Posts (%)</i>	47,5%	22,5%	30%
<i>Comentários (%)</i>	84,7%	5,48%	9,82%
<i>Curtidas (%)</i>	54,3%	25,5%	20,2%
<i>Média comentários/post</i>	10,89	1,5	2
<i>Média curtidas/post</i>	13,08	12,9	7,71

Fonte: dados da pesquisa/Lins (2015).

Aproveitando para reiterar, retificar e ampliar as interpretações do trabalho dissertativo em que se ancorou este texto, concluímos que memórias relativas à cidade, frequentemente partilhadas e reforçadas entre os agentes da COBR, caracterizaram o processo construtivo de uma identidade coletiva urbana, traduzida em negociação e reivindicação de comportamentos de grupo condizentes com a apropriação, com o sentimento de pertencimento e com a fruição da cidade, mediante suas factuais e imaginárias características físico-sociais. Destacamos, com isso, o que seria o fenômeno de uma “ecologia humana”, tal como descreveu J. J. Palen (1975) quando se referiu à Escola Sociológica de Chicago. A Escola discutiu, nas décadas de 1920 a 1940, o hábitat social, no caso, o meio urbano, em suas dimensões física e social, como influenciador do modo e do estilo de vida dos indivíduos (Cancian, 2009; Palen, 1975).

Na investigação da variável *significado*, valemo-nos de uma análise de *adjetivações* (Lins, 2015). Para tal procedimento, inspiramo-nos em técnicas de análise de conteúdo lexical (análise de vocabulário) e sintática de “palavras plenas” (Bardin, 2011, p. 82). As palavras plenas se caracterizam como “portadoras de sentido”, tais como morfologicamente se apresentam substantivos, verbos e adjetivos. Diferentemente do que ocorreu no emprego que fizemos de técnica de classificação temática, selecionamos



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

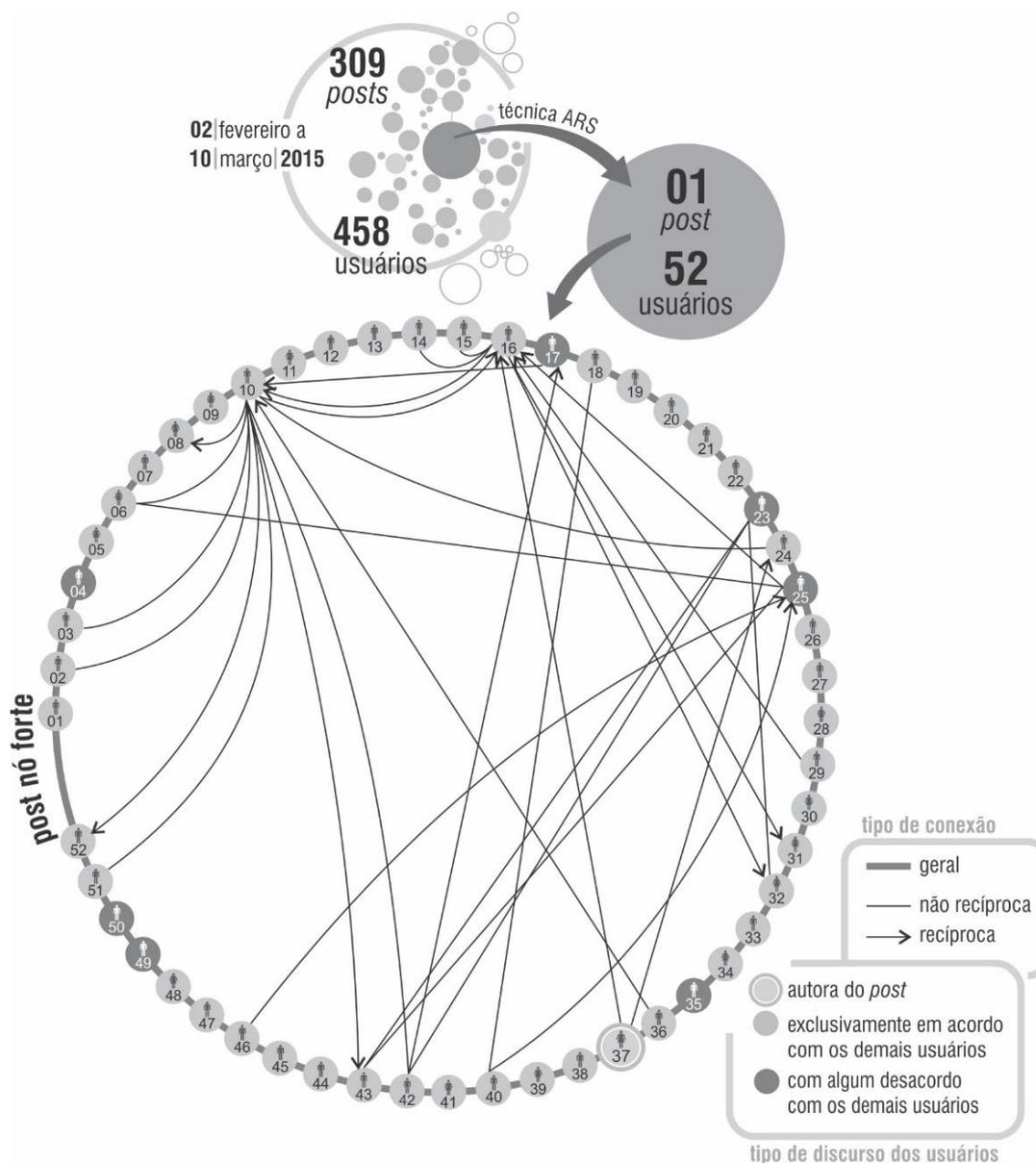
3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

um único *post* do total de *posts* da amostra da pesquisa para a análise de adjetivações, compondo, assim, uma subamostra (Figura 6).

Figura 6 – Resultado do processo seletivo de *posts* segundo técnica de ARS.



Fonte: dados da pesquisa/Lins (2015).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Adotamos adjetivações como qualidades ou atributos expressos pelo emprego de palavras ou termos que seus plenos sentidos adjetivos só são passíveis de desvelamento quando estamos atentos aos contextos socioculturais que os envolvem. Adjetivações não são atributos reconhecíveis tão somente por meio de definições generalistas encontradas nos dicionários, portanto. Com base na análise de adjetivações, adentramos em processos dialéticos e ideológicos de significação realizados pela COBR sobre si e sobre o que a cercou (Lins, 2015).

A seleção de subamostra constituída por um único *post*, sobre a qual dedicamos exclusivamente a análise das adjetivações, se justificou em parte por sua condição de “nó mais forte” (Fragoso et al., 2013). Com base em preceitos da Análise de Rede Social (ARS) (Figuras 4 e 6) (*ibid.*), isso significou dizer que o *post* selecionado, embora como subamostra, manteve relativa representatividade da COBR.

Como “nó forte”, assentimos o *post* com conjunto de comentários que se destacou quantitativa e qualitativamente ante os demais da amostra. Para tanto, consideramos o número de “conexões” e se essas vinculações eram recíprocas ou não recíprocas (Figura 6) (*ibid.*). O *post* selecionado se destacou largamente comparativamente aos demais da amostra pelo número de conexões internas⁸, assim como parte delas era recíproca (Lins, 2015).

Conexões recíprocas são consideradas qualitativamente mais importantes, pois representam interações sociais, conforme princípios da ARS (*ibid.*). Nessa situação, quem publicou comentário recebeu réplica de outros agentes do *post*. Nas conexões que

⁸ Denominamos conexões internas aquelas que expressam vínculos exclusivamente entre os usuários do *post* selecionado. Não detalhamos a análise de conexões externas neste artigo. Por meio desta última, verificamos que certos adjetivos expressos nos comentários do *post* selecionado também foram adotados em comentários de alguns dos demais *posts* da amostra.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

não foram recíprocas, os agentes dirigiram comentários a outros agentes, de quem não receberam réplica (Lins, 2015) (Figura 6).

A conexão que representou todos os agentes do *post* analisado chamamos de “geral” (Figura 6). Além dos agentes que comentaram no *post*, nessa conexão se incluem os que introduziram outros tipos de conteúdo, como “curtidas”, *emotions*, etc.

A análise das adjetivações desenvolvida na pesquisa COBR, parcialmente apresentada no Quadro 1, nos embasou na conclusão de que, para além de instrumento lúdico e vetor de socialização, a bicicleta significa para os usuários que postaram na comunidade *on-line*, principalmente, meio de qualidade de vida por intermédio da função móvel e da sustentabilidade (Lins, 2015), de forma semelhante ao que publicações como a Wikipédia (2018) descrevem genericamente sobre o significado que os participantes do evento bicicletada atribuem à bicicleta.

Quadro 1 – Parcial das *adjetivações* conferidas na pesquisa da COBR.

Adjetivação	Definição
Ciclista “gourmet hipster bristô frescow”	(1) Termo pejorativo referente a quem faz uso majoritário ou unicamente da bicicleta como expressão estética elitista. (2) Quem faz uso da imagem da bicicleta para vender produtos mais caros. (3) Ciclista melindroso, o que é o oposto do “ciclista vândalo do reggae”.
Fakecleta, carro-cleta	Bicicleta cuja função estaria maculada em decorrência de não ser utilizada por empresa como meio do transporte de suas mercadorias, com implicações ambientais e na qualidade do trânsito da cidade do Recife. A empresa utilizava carro motorizado para transportar suas bicicletas e mercadorias até os pontos de venda. Essa prática foi interpretada como <i>greenwashing</i> por agentes da COBR.
Bicicleta do conto do vigário	(1) Fakecleta. (2) Qualquer bicicleta cuja função esteja supostamente descaracterizada.

Fonte: dados da pesquisa/Lins (2015).

Por fim, com base em levantamentos e análises da pesquisa COBR que não foram apresentados neste texto, também concluímos que os usuários da COBR que anunciaram o uso da bicicleta na cidade do Recife, de forma geral, costumam usá-la como meio de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

locomoção em atividades cotidianas de trabalho, compras, etc., pertencendo a camadas médias da sociedade. As divergências ideológicas encontradas na COBR convergem para o acordo da falta de governantes que viabilizem políticas e ações públicas que favoreçam o uso da bicicleta (Lins, 2015).

IV. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Atentos ao reducionismo científico, ou *elementarismo*, por vezes obstáculo à compreensão da realidade (Pallasmaa, 2006), reconhecemos que as representações gráfico-teóricas podem tanto enquadrar equivocadamente a realidade como colaborar para sua compreensão. Para evitarmos enquadramentos, por meio dos quais realidades são criadas em vez de compreendidas, destacamos que o todo é bem mais que a mera soma de partes que pressupomos extrair da realidade. A memória, por exemplo, também é uma experiência, essa “deslocada...” (Cardoso, 2012).

Pelas considerações expostas, indicamos a abordagem EMSI como um recurso auxiliar para sistematização de pesquisas que envolvem qualquer uma das variáveis reunidas na sua sigla, representando fenômenos interdependentes e interpenetrados. Poderemos apoiar descrições, análises, interpretações e inferências (Minayo et al., 2012) nesse constructo.

Embora busquemos fundamentar a abordagem EMSI por meio do que seriam os princípios mais gerais e consensuais, especialmente alguns da teoria social, ela não está isenta de possíveis conflitos, decorrentes da polissemia que envolve a discussão de seus fenômenos e das diversas teorias. Por meio de outras pesquisas empíricas, de especificação e verticalização teórica, esses conflitos poderão ser relevados.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Outras técnicas de análise e procedimentos poderiam ter sido aplicados na investigação COBR, assim como poderão ser diferentes em novas pesquisas empíricas que recorram ao sistema EMSI como recurso de estruturação.

Por fim, destacamos a condição ensaística e piloto do estudo de caso COBR, tendo em vista que o objetivo geral da dissertação sintetizada e revisada neste artigo foi articular a teoria apresentada como forma de instrumentalizar metodologicamente a pesquisa em design.

V. REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP, Brasil: Edições 70.
- Bauman, Z. (2003). *Modernidade líquida*. (P. Dentzien, Trad.) Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Zahar.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Zahar.
- Bauman, Z. (2009). *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Zahar.
- Bicicletada. (2018, 28 de janeiro). In *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Recuperado de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Massa_Cr%C3%ADtica_\(evento\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Massa_Cr%C3%ADtica_(evento)).
- Bicicletada Recife. (2015, 5 de março). In *Facebook*. Recuperado de <https://www.facebook.com/groups/bicicletadarecife/?ref=ts&fref=ts>.
- Bonsiepe, G. (2011). *Design, cultura e sociedade*. São Paulo, SP, Brasil: Blucher.
- Bourdieu, P. (2011). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP, Brasil: Papirus.
- Braga, M. da C. (Org.). (2011). *O papel social do design gráfico: história, conceitos & atuação profissional*. São Paulo, SP, Brasil: Editora Senac São Paulo.
- Cancian, R. (2009, 6 de março). Escola de Chicago - contexto histórico: pesquisas centradas no meio urbano. *UOL Educação*. Recuperado de <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/escola-de-chicago---contexto-historico-pesquisas-centradas-no-meio-urbano.htm>.
- Candau, J. (2014). *Memória e identidade*. São Paulo, SP, Brasil: Contexto.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- Cardoso, R. (2012). *Design para um mundo complexo*. São Paulo, SP, Brasil: Cosac & Naify.
- Carvalho, A. F. (2012). *Design e identidade: estudo de casos aplicados no Brasil*. (Dissertação de mestrado). Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Cuche, D. (1999). *A Noção de cultura nas ciências sociais*. (V. Ribeiro, Trad.) Bauru, SP, Brasil: EDUSC.
- Cultura material. (2017, 13 de dezembro). In *Infopédia*. Recuperado de [http://www.infopedia.pt/\\$cultura-material](http://www.infopedia.pt/$cultura-material).
- Dortier, J.-F. (2010). Identidade. *Dicionário de ciências humanas* (pp. 282-284). (M. V. Aguiar, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Editora WMF Martins Fontes.
- Drews, C. (2015). *Sensação e percepção (resumão)*. Recuperado de <http://psicologiarg.blogspot.com.br/2008/04/sensao-e-percepo-resumo.html>.
- Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2013). *Métodos de pesquisa para internet* (Coleção Cibercultura). Porto Alegre, RS, Brasil: Sulina. ISBN- 978-85-205-0594-6.
- Guimarães, A. L. (2007). *Design, sociedade e cultura: significados dos arranjos espaciais e dos objetos em interiores domésticos*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.
- Halbwachs, M. (2006). *A Memória Coletiva* (2 ed.). (B. Sidou, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Centauro.
- Identidade. (2018, 28 de janeiro). In *Dicionário Priberam de língua portuguesa*. Recuperado de <https://www.priberam.pt/dlpo/identidade>.
- Identidade. (2018, 28 de janeiro). In Lexikon Editora Digital (Ed.), *Dicionário Caldas Aulete*. Recuperado de <http://www.aulete.com.br/identidade>.
- Identidade. (2018, 28 de janeiro). In Porto Editora (Ed.), *Dicionário Infopédia da língua portuguesa*. Recuperado de <http://www.aulete.com.br/identidade>.
- Kozinets, R. V. (2014). *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. (D. Bueno, Trad.) Porto Alegre, RS, Brasil: Penso.
- Lins, W. G., Jr. (2015). *Memória, identidade e artefatos: significação da bicicleta para o grupo online Bicicletada Recife* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- Löbach, B. (2001). *Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais*. (F. V. Camp, Trad.) São Paulo, SP, Brasil: Blucher.
- Martins, G. A., & Pelissaro, J. (2005). Sobre conceitos, definições e constructos nas ciências contábeis. *BASE - Revista de administração e contabilidade da Unisinos*, 2(2), 78-84. Recuperado de <http://revistas.unisinos.br/index.php/base/article/view/6215/3379>.
- Massa crítica. (2017, 26 de novembro). In *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Recuperado de http://pt.wikipedia.org/wiki/Massa_Cr%C3%ADtica.
- Matheus, L. (2011). Memória e identidade segundo Candau. *Revista Galáxia*, (22), 302-306. São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/6737/6073>.
- Minayo, C. (Org.), Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2012). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (Coleção Temas Sociais). Petrópolis, RJ, Brasil: Editora Vozes.
- Modelo científico. (2017, 26 de novembro). In *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Recuperado de https://pt.wikipedia.org/wiki/Modelo_cient%C3%ADfico.
- Palen, J. J. (1975). *O mundo urbano*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Forense-Universitária.
- Pallasmaa, J. (2006). A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. In K. Nesbitt (Org.), *Uma Nova Agenda para a Arquitetura. Antologia Teórica 1965-1995* (pp.481-489). São Paulo, SP, Brasil: Cosac & Naify.
- Silva, H. V. (2016). *Estandartes, bandeiras de festa e tradição: uma análise da simbologia e linguagem visual dos estandartes dos clubes e troças do carnaval de Recife e Olinda*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.
- Sternberg, R. J. (2012). *Psicologia cognitiva* (5 ed.). Porto Alegre, RS, Brasil: Editora Artmed.
- Vasconcelos, C. B. (2014). *A percepção dos sistemas simbólicos e linguagens visuais dos ladrilhos hidráulicos em patrimônios religiosos tombados pelo IPHAN na cidade do Recife* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.
- Wanderley, M. L., Andrade, P. S., Barros, R. Q., & Lins, W. G., Jr. (2017). Bases Comuns do Design: uma discussão sobre o impacto e papel social do design. In A. Arruda (Org.), *Design & Complexidade* (pp.11-26). São Paulo, SP, Brasil: Blucher. doi:10.5151/9788580392159-01